

PROTESTO

B3

Buraco impede trânsito em avenida do Araxá

Moradores, revoltados com as enchentes, abriram uma cratera no meio da Avenida Setentrional. Três motoqueiros já caíram no buraco.



DESCASO

B2

Áreas de ressaca de Macapá não possuem coleta de lixo

Moradores das pontes e passarelas da capital afirmam que a sujeira, além do forte odor, atrai insetos e compromete a saúde, principalmente, das crianças que ficam o dia inteiro expostas.



Odair Vales

BRUTALIDADE

Detento mata colega de cela com 26 facadas

A vítima foi o interno Money da Silva Costa, 29 anos. O autor do crime, David Brito Aimoré, que cumpre pena no lapen por homicídio, afirmou que tinha rixa com a vítima.

Página - B4

DAVID | Brito Aimoré (direita) assumiu o crime

BRIGA JUDICIAL

236 ANOS DE FUNDAÇÃO

Sede do Trem volta para o governo

GEA já tem novos planos para o local.

Página - C1

CPI DOS BINGOS

Palocci decide falar na comissão

Para evitar a convocação, o ministro resolveu depor.

Página - A3

FACULDADE

Professores serão beneficiados

GEA e Fundap assinaram a parceria.

Página - B2

Cerimônia resgata história de Mazagão



SAL LIMA/SECOM

O governador Waldez Góes e o embaixador de Portugal, Francisco Costa, estiveram na festividade que teve início com a encomendação dos restos mortais dos primeiros mazaganenses na Igreja de Mazagão Velho.

Página - B1

INSS comemora 83 anos no Amapá - Página B2

FALE C/ JD

Redação

3217-1117

Classificados

3217-1111

Comercial

3217-1100

COTAÇÕES

DÓLAR



COMERCIAL = R\$ 2,258

TURISMO = R\$ 2,370

PARALELO = R\$ 2,530

EURO = R\$ 2,77766

OURO = R\$ 40,75

Fonte: FOLHAPRESS

LOTERIAS

DUPLA-SENA

CONCURSO n° 423

09 12 23 34 42 43

08 16 25 32 38 39

MEGA-SENA

CONCURSO n° 731

06 15 16 23 28 35

QUINA

CONCURSO n° 1553

16 35 52 76 77

18 20 22 23 25

LOTOMANIA

CONCURSO n° 587

10 11 15 25 28 37 44 47 48 51

52 53 60 74 78 86 89 91 97 94

LOTOFÁCIL

CONCURSO n° 122

01 02 04 05 08 09 10 13 15 17

18 20 22 23 25

LOTERIA FEDERAL

CONCURSO n° 04003

1° prêmio = 50.929

2° prêmio = 72.080

3° prêmio = 67.233

5° prêmio = 1.000

Preço do Exemplar
Segunda-feira a
Sábado

RS 1,00

Domingo

RS 2,00

SITE:

www.jdia.com.br

E-MAIL:

Jornalodia1@uol.com.br

EDITORIAL

Bem-vindo à Mazagão Velho: a benção minha mãe

Como é bom e agradável começar uma semana com um bem-vindo...em especial quando parte de uma comunidade ou melhor "BEM-VINDO À MAZAGÃO VELHO" e assim sendo não poderia deixar de compartilhar a minha alegria a oportunidade impar de, em companhia do Mestre Mário Médice Barbosa, professor da disciplina Amazônia II, e dos colegas acadêmicos Aldiere e Aline, nessa maravilhosa viagem., foi um belo domingo ensolarado de muitas visitas e reconhecimentos a Igreja de São Tiago, o Cemitério antigo e residências antigas.

Ir à Mazagão Velho é acima de tudo redescobrir, é contagiante estar em contato direto com a natureza, começando logo com as travessias das balsas do rio Matapí e rio Vila Nova, rios de grande beleza e importância a região, e quem sabe tomar um refrescante banho no rio Mutuacá. É viajar no túnel do tempo. São 236 anos de "Bem-vindo à Mazagão Velho". Tudo começou no dia 23 de janeiro de 1770, quando da construção da vila, inclusive das casas que abrigariam as 136 famílias lusitanas. Era a estratégia de ocupação e defesa de território na Amazônia.

Por causa das constantes lutas e dependência econômica, Marquês de Pombal, ministro de D. José I, resolveu criar "A nova Mazagão Amazônica" devidos as constantes lutas "guerra santa", travada entre católicos portugueses e muçulmanos do Norte da África. A Mazagão africana, foi desativada pela Carta Régia de 10 de março de 1769, ficava ao norte da África, na área onde se localizam o Marrocos e Mauritânia, lugar de disputa entre Portugueses cristãos e os Árabes muçulmanos. Assegurava assim a transferência das famílias lusitanas e consigo grandes riquezas culturais e religiosas, como as festas de Nossa Senhora da Piedade, São Tiago, Divino Espírito Santo e outras, proporcionando-lhes segurança e paz.

Chegar à Mazagão Velho, e logo ao adentrar o portal da cidade, vislumbra-se dois painéis laterais demonstrando a pintura dos santos católicos São Tiago e São Jorge, protetores nas lutas travadas entre mouros e cristão. Percorrendo, foi oportuno encontrar nas pequenas ruas veículos adesivados tipo "Arqueologia" em convênio com a Universidade Federal de Pernambuco/Governo do Estado do Amapá, tendo como objetivo, escavações arqueológicas na região, momento que até imaginamos, "desvendar a menina dos olhos" do estratégico Marques de Pombal na Amazônia, que vive e revive por mais de 230 anos, até por um desejo de seu povo batalhador. Visualizamos em seus descendentes as suas aspirações de lutas voltadas para a preservação da memória cultural: suas danças e suas festas: Marabaixo, Batuque, festa do Divino Espírito Santo, São Tiago e Nossa Senhora da Piedade, e outras.

Em seu cotidiano dominical, conhecemos e encontramos pessoas simples, porém combatentes, como Josué Videira, José Antonio, a dona Marenice Videira, a dona Inês esposa do saudoso mestre Biló, a tia Olga, hoje com 94 anos idade, outrora grande organizadora das festas comemorativas a Nossa Senhora da Piedade. Começamos a entender que participar da festa do Marabaixo, da festa do Divino Espírito Santo, da festa da Nossa Senhora da Piedade, prescindi de todo um ritual a ser realizado.

monumental deu a entender a importância da presença em Sydney na qual informou sua audiência que as vítimas de estupro não tinham ninguém mais a responsabilizar, a não ser elas mesmas. Mulheres vestindo pouca roupa convidam homens a estupra-las, disse ele.

Alguns meses depois, em Copenhagen, o mufti e estudioso muçulmano Shahid Mehdi criou grande tumulto quando declarou que mulheres que não usavam véu, estavam pedindo para ser estupradas. Com assombroso sincronismo em 2004, o London Telegraph noticiou que o estúdio egípcio Sheik Yusaf al-Qaradawi reivindicou que as vítimas deveriam ser punidas se estivessem vestidas indecentemente no momento do crime. E acrescentou que, para

Na França, Samira Benni quebrou seu silêncio - após resistir a anos de violações repetidas em um dos projetos públicos de casas muçulmanas - e escreveu um livro, In the hell of the tournantes, que chocou a França. Ela explicou que, para as gangues, "toda menina da vizinhança que fumar, usar maquiagem ou vestir roupas atraentes é uma prostituta". Este fenômeno de violência sexual islâmica contra as mulheres deve ser abordado urgente, mas, em vez disso, encontramos jornalistas, acadêmicos e políticos ignorando-o, ponderando ou banindo aqueles que ousam discutir. Na Austrália, quando o jornalista Paul Sheehan relatou honestamente as violações de grupo em Sydney, foi chamado de racista e

Na França, Samira Benni quebrou seu silêncio - após resistir a anos de violações repetidas em um dos projetos públicos de casas muçulmanas - e escreveu um livro, In the hell of the tournantes, que chocou a França. Ela explicou que, para as gangues, "toda menina da vizinhança que fumar, usar maquiagem ou vestir roupas atraentes é uma prostituta". Este fenômeno de violência sexual islâmica contra as mulheres deve ser abordado urgente, mas, em vez disso, encontramos jornalistas, acadêmicos e políticos ignorando-o, ponderando ou banindo aqueles que ousam discutir. Na Austrália, quando o jornalista Paul Sheehan relatou honestamente as violações de grupo em Sydney, foi chamado de racista e

O detetive australiano aposentado Tim Priest foi advertido em 2004 que gangues libanesas surgidas em Sydney nos anos 90 haviam ficado fora de controle. "Os grupos libaneses eram implacáveis, extremamente violentos e intimidam não somente testemunhas inocentes, mas mesmo policiais que os tentam prender". O detetive descreve como em 2001, em área dominada por muçulmanos de Sydney, dois policiais pararam um carro com três árabes suspeitos de roubo. Enquanto a polícia realizava sua busca, era ameaçada fisicamente, e os três homens planejavam segui-los, matá-los e violentar suas namoradas. Nada demonstra tão claramente que não é uma questão de raça, mas de cultura.

ELITE INTELECTUAL

Entrevista de cineasta

IPOJUCA PONTES
CINEASTA/JORNALISTA

Não tem gente mais inteligente no mundo do que o chamado cineasta brasileiro: passa por formar a elite intelectual do País, se considera belo e injustiçado, está sempre atrás do dinheiro fácil do governo, cujo usufruto considera um direito adquirido (no histórico, vem sugando a grana do contribuinte desde os tempos da ditadura militar, há 40 anos, sempre manipulando o alibi de defender a "identidade nacional"). É muito instrutivo e mesmo divertido testemunhar uma entrevista do ardiloso espécime, com o seu (dele, lá) permanente jogo de mãos e sofismas, em jornal ou televisão. Mas, em geral, a conversa do cineasta caboclo torna-se enfadonha, ou triste, quando se descobre que o subtexto do que diz tem como fim ampliar os próprios e dispendiosos privilégios.

Este início de ano, por causa da farta distribuição dos dinheiros públicos pelas estatais de Lula, o cineasta brasileiro tem sido pródigo em se desnudar diante da patuléia ávida de escândalos públicos e privados. Num jornal de São Paulo, por exemplo, Luiz Carlos Barreto, tido como "barão", se ergue em entrevista contra o fato de não receber as benesses distribuídas pelo BNDES (cujos recursos provêm do FAT - Fundo de Amparo ao Trabalhador) em recente "concurso de apoio ao cinema". Barreto declara veemente que, mesmo discriminado, a despeito da burocracia do Minc, "vai se virar por outros lados" e "continuar fazendo cinema".

Já era tempo: com o dinheiro que sacou da Embrafilme e das em-

presas estatais nos últimos 30 anos, para não falar dos fartos recursos advindos dos benefícios fiscais, o "barão do cinema" poderá seguir fazendo não apenas filmes milionários com dinheiro do próprio bolso, como até adquirir o Ministério da Cultura, com suas secretarias, departamentos, móveis e utensílios. Quem sabe, até com o canto reagge de Gilberto Gil, de quebra.

Mais modesto na falação à imprensa é o cineasta Roberto Farias, que acha "penoso", como veterano (74 anos, diretor de um núcleo de produção da TV Globo), ter de "correr atrás" de R\$ 6 milhões arrancados da captação dos recursos incentivados. Em *O Globo* (13/01/2006), ele é taxativo: "A política atual privilegia o jovem estrepante. Os que julgam os projetos hoje também são jovens e muitos não me conhecem. A maioria das empresas desconhece até mesmo os mecanismos dos incentivos fiscais". Roberto Farias raciocina em causa própria, mas esquece de considerar que fazer filmes de R\$ 6 milhões, com o dinheiro público, sem respaldo do mercado, é um ato de criminosa insanidade, só concebível na cabeça de governos permissivos e cineastas incoerentes.

Mais fascinante ainda é a entrevista do cineasta-banqueiro Walter Salles, ainda no *O Globo* (04/01/2006), uma obra-prima da desfaçatez "politicamente correta".

Para não se falar em preconceito, aviso logo que nutro permanente admiração por ricos e banqueiros, uma gente que vive de emprestar dinheiro e enfrentar calotes e in-dimplências. (No caso específico da família Moreira Salles, me distingo o fato de ter acudido um familiar caro e distinto: estava eu, numa madrugada dos anos oitenta (1988), comendo uma "paella" num restaurante da Av. Atlântica quando um corpo desnudo de mulher se esparramou no chão, na agonia

da morte. No mesmo instante, solicitei a um funcionário que cobrisse o corpo com a toalha e chamasse o porteiro do prédio, cuja entrada era (e continua sendo) pela rua lateral; em seguida pedi ao caixa que fosse a 13ª Delegacia, na N.S. de Copacabana, justo atrás do restaurante, denunciar a tragédia. Nome da mulher: Elisinha Moreira Salles, mãe do cineasta, que, soube depois, vivia só, atravessando sucessivas crises de depressão).

Na entrevista, o cineasta Salles, politicamente correto, dá a entender que realizou o filme "Terra Estrangeira", nos anos 90, provocado pelo "espectro" do exílio na era Collor, presumível denúncia sobre brasileiros desterrados à época pela ausência de perspectiva. Se o filme de Salles de fato aborda o tema com este *part pris*, não passa de uma abordagem mentirosa, ou sociologicamente inexpressiva.

Durante os dois anos e meio de

Collor não saiu mais gente do Brasil para buscar guarida, por exemplo, nos Estados Unidos, do que no tempo de Itamar ou na era FHC, sobrelevado o fato de que, hoje, nos tempos do governo socialista de Lula, estão abandonando o País, anualmente, por ausência absoluta de esperança, cerca de 10 mil "desterrados" coisa que o cineasta não pretende denunciar.

O mais curioso de tudo é que Salles deita uma falação absolutamente pífia, ou pelo menos cãpanga, quando dá conta, a propósito de se distribuir o dinheiro público com uma impossível produção cinematográfica "periférica", de que "não existe país realmente democrático sem democracia econômica e democracia da imagem". Bonito isso, hein? Mas, à parte o fato do cineasta desconhecer as reais necessidades do país, e de como funciona uma democracia econômica - o que quer esse herdeiro de milhões de dólares, com apartamentos em Paris, Nova York e adjacências? Que o escorchado contribuinte dê mais dinheiro ao Estado para ele bancar o parasitismo da burocracia estatal e de novas safras de cineastas periféricos? Que o País, com uma carga enorme de violência, má qualidade de ensino e fome mil desvie o dinheiro da patuléia para ampliar com recursos públicos a "democracia da imagem"?

O cineasta Salles, que parece cultivar a imagem de um São Francisco grã-fino e bem-pensante, bem que podia imaginar a hipótese de distribuir os seus milhões de dólares com as vítimas da miséria estatal, do qual ele é - queira ou não - um beneficiário. Seria mais generoso e assim a sua alta prosopopéia ganharia mais vigor e credibilidade.

“O cineasta Salles, parece cultivar a imagem de um São Francisco grã-fino, ele podia distribuir os seus milhões de dólares com as vítimas da miséria.”

hora-hora

ESFORÇO

Com a Lei Eleitoral a cada dia acertadamente mais severa com a classe política, este ano, a situação ficou ainda pior. Eles não poderão usar a máquina oficial em proveito próprio ou de terceiros e nem poderão nos programas gratuitos de rádio e TV, ridicularizar seus adversários e nem poderão dar uma de "papagaio de pirata", pegando carona nas inaugurações de obras públicas.

ESFORÇO I

Sinal que deverão gastar muito mais saliva para convencer seus eleitores ou eleitoras de suas propostas para os quatro anos que deverão ocupar nos cargos eletivos. Truncar a imagem do adversário para ridicularizá-lo na TV também está proibido, apesar de até agora não existir nenhum candidato a candidato com os dotes de modelo tipo Giannachini.

PERIFERIA

Se algum instituto que avalia opinião, realizar uma pesquisa séria na periferia de Macapá e perguntar qual o benefício mais imediato que a população deseja, deve obter como resultado: as-fal-to! Na verdade, as administrações municipais, com algumas exceções, costumam privilegiar mais os centros das cidades, onde transitam os turistas que as periferias, sempre relegadas historicamente aos segundos planos.

PERIFERIA I

No entanto, a classe mais pobre está cansada de pisar na lama no inverno e engolir poeira nos seis meses do restante do ano. Outro item importante na qualidade de vida das populações, com menos votos, vem saúde, educação, água, energia, transporte e segurança.

BRIGA

Começou cedo, também por conta do ano político uma briga surda, inicialmente, mas que prometem lances de novelas, a disputa pela audiência entre as poderosas redes de TV, a Globo dos Marinheiros com a Record, do bispo da Igreja Universal do Reino de Deus, Edir Macedo. A peleja está começando com a cooptação de artistas globais, que estão sendo usados em novelas, cuja a tradição da Record no tema era muito inexpressivo.

QUEDA DE BRAÇO

Outra queda de braço fica por conta do futebol. Enquanto a Globo transmite o Campeonato Carioca, contanto com a volta do maior templo do futebol brasileiro - o Maracanã -, inaugurado parcialmente no último domingo, com o "chocolate" do Botafogo em cima do Vasco da Gama por 5 a 3, a Record mostra o retrancado campeonato paulista, onde está o maior "PIB" do futebol brasileiro. A concorrência é salutar e quem ganha é o telespectador.

VANTAGENS

O abandonado estádio municipal Glicério de Souza Marques, quase sexagenário, mereceria um tratamento melhor por parte da classe política do município. Alguns jogos de times considerados pequenos, do campeonato amapaense de futebol profissional, poderiam ser disputados no Glicerão, com algumas vantagens sobre o Zerão: transporte coletivo para o torcedor mais fácil, comodidade - pelo menos o estádio dentro da cidade tem dois lances de arquibancadas cobertas, enquanto o Zerão possuem arquibancadas que ficam a céu aberto - e até um Hospital de Emergência, que fica colado ao Glicério Marques, pois, se um jogador tiver uma parada cardíaca durante um jogo no Zerão, não deve chegar ao hospital a tempo de reverter o quadro. E olha que no Zerão tem ambulância? Será que terá desfibrilador cardíaco; como é obrigatório pela CBF em todos estádios brasileiros?

PERGUNTA

Os eleitores sabem que as Câmaras de Vereadores, cujos edis são eleitos por sufrágio secreto e direito para representá-los por quatro anos naquele legislativo mirim. Os municípios devem cobrar trabalho deles, dos quais, a severa fiscalização do emprego das verbas públicas efetivadas pelo Poder Executivo, arrecadado dos impostos do contribuinte. Portanto, uma perguntinha impertinente, vindo por e-mail a coluna, quer saber: quanto custou aos cofres públicos a reforma do calçamento em volta do muro do estádio Glicério Marques? Dizem que custou uma pequena fortuna. Com a palavra a Câmara de Vereadores, principalmente os edis de oposição, porque os de situação estão fazendo o óbvio.

NOVAS PERSPECTIVAS

Arqueólogos querem descobrir cidade enterrada

Enterro de ossadas inicia nova etapa de pesquisas em Mazagão



SOLENIDADE | Contou com a presença de autoridades como a do embaixador de Portugal (detalhe à esquerda)

JANDERSON CANTANHEDE DA REPORTAGEM

As informações sobre a vida durante os primeiros anos no município de Mazagão começam a ganhar destaque não somente no Amapá, mas também em países como Portugal e Marrocos. Ontem, autoridades políticas, convidados estrangeiros e mazaganenses fizeram a encomendação dos restos mortais dos primeiros moradores do município, o que só foi possível após os anos de pesquisas arqueológicas que estão sendo feitas na região.

A equipe do Laboratório de arqueologia da Universidade Estadual de Pernambuco, responsável pelos estudos, descobriu as ossadas de 52 pessoas que foram enterradas dentro de uma igreja também descoberta durante as escavações. Foram esses restos mortais que ontem retornaram ao sepulcro, desta vez com honras militares do Exército Brasileiro e da Polícia Militar.

O governador Waldez Góes disse que a idéia agora é partir para a construção de um centro de cultura ou para um museu que possa reunir todas as informações dessa história que vem sendo descoberta. "Isso ganha força nas parcerias com os governos de Portugal e Marrocos, além das instituições internacionais. Todos os recursos investidos, tanto nas pesquisas da Fortaleza de São José quanto nas escavações de Mazagão e mais tarde em Cunani, são oriundos do Estado. Com essas descobertas com certeza teremos adeptos e parceiros nacionais e internacionais", comentou.

O embaixador de Portugal no Brasil, Francisco Costa, disse que a importância que está sendo dada às descobertas no município de Mazagão abre novas perspectivas de cooperação entre o governo português e o Brasil.

RESTOS MORTAIS

A descoberta de restos mortais em Mazagão Velho

deu novos ares às pesquisas feitas no município. Essas ossadas, que inclusive ontem foram novamente sepultadas desta vez com honras militares, foram encontradas nos alicerces da igreja descoberta na região. Segundo os pesquisadores, até o século 18 era comum que as pessoas fossem enterradas em igrejas, prática que foi proibida a partir do século seguinte. "O sepultamento dos primeiros mazaganistas foi efetuado quando a igreja havia tombado. Existe uma lacuna muito grande na história de Mazagão. Acredita-se que nos 14 primeiros anos houve uma mortandade quase que generalizada. Existe algo entre os séculos 18 e 19 que ainda não foi descoberto e que pretendemos explicar através da arqueologia", adiantou o professor responsável pelas pesquisas, Marcos Albuquerque.

EPIDEMIA

Quanto a suspeita de que uma epidemia teria dizimado os primeiros moradores da região, Marcos Albuquerque

que disse que esse trabalho de pesquisa será um pouco mais complexo. "Sabemos que há uma intensidade muito grande de doenças tropicais na área, o que poderia ser encontrado através do DNA, porém, como o terreno é muito ácido é provável que as vértebras contendo o DNA já estejam destruídas", salientou.

NOVAS ETAPAS

Albuquerque disse que os trabalhos de pesquisas em Mazagão Velho não encerrarão e que deverão continuar. "Retiramos os sepultamentos que estavam escondidos na igreja, localizamos integralmente as dimensões da igreja, há muito mais coisas para serem descobertas em Mazagão, considerando que não havia apenas um prédio religioso, mas uma cidade. Nós estamos em busca dessa cidade. No local atrás da igreja deverão ser encontrados restos de casas. Quando descobrirmos isso, vamos poder recompor toda a planta da cidade", explicou.

Mazaganenses comemoram 236 anos

A população mazaganense deu início ontem às comemorações pelos 236 anos de fundação do município. A festa teve início às 9 horas com a chegada de uma comitiva oficial composta pelo governador Waldez Góes, o embaixador de Portugal, Francisco Costa.

Este ano, a festividade teve um requinte diferente, pois foi feita a encomendação dos restos mortais dos primeiros mazaganenses na Igreja de Mazagão Velho. Em seguida, foi feito o cortejo fúnebre ao cemitério do município, ao canto da ladainha de encomendação.

As ossadas de 52 pessoas encontradas no sítio arqueológico de Mazagão Velho re-

velaram informações até então desconhecidas da população local. Todos os restos mortais que estavam guardados em urnas funerárias foram depositados em mausoléus pelas autoridades.

À tarde uma rodada de marabaixo iniciou a programação das atividades culturais. À noite, o carnaval do povo se encarregou de dar continuidade às comemorações.

FATOS HISTÓRICOS

Mazagão foi criado há 236 anos por decreto de D. José I, rei de Portugal. Era 23 de janeiro de 1770 quando a vila recebeu as famílias portuguesas e seus escravos. No dia 10 de maio de 1769 essas famí-

lias lusas, forçadas pela guerra entre mouros e cristãos durante os conflitos da implantação do cristianismo português no continente africano, abandonaram o forte que as abrigava, chegando a Mazagão em 1770. Eram 163 famílias com 114 brancos e 103 escravos africanos. Ao chegarem, continuaram morando nas embarcações até o delineamento dos terrenos, abertura de ruas e a plantação dos primeiros roçados. Em outubro de 1771, abandonaram os navios e ocuparam a vila, fundando a Nova Mazagão, hoje Mazagão Velho.

DOIS MAZAGÕES

O município de Mazagão

e Mazagão Velho. O distrito de Mazagão Velho, que está a 28 km da sede de Mazagão Novo, tem uma população de 500 pessoas (90% católica), que sobrevive do extrativismo, da agricultura e da pecuária de subsistência. A maior fonte de renda provém mesmo dos recursos municipais, estaduais, federais e dos benefícios do INSS e programas sociais do governo.

A igreja de N.S. da Assunção, a Capela de São Tiago, a Casa de Dona Ana Aires (uma das primeiras do distrito, tombada pelo Iphan) e as ruínas da primeira igreja mazaganense, erguida no século XVIII, representam os pontos turísticos mais importantes.

Odair Vales

7e)